



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

Entre a Miséria e a Riqueza: Uma análise social de João e o pé de feijão¹

Carlos Henrique Teixeira, Telma Borges da Silva, Lucilane Rodrigues de Souza Teixeira

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas são o acúmulo da sabedoria popular que passaram de geração a geração, transmitindo as ideologias e culturas dos povos nos quais estavam inseridos. No presente trabalho analisaremos a obra *João e o pé de feijão* pelo viés do social, esmiuçando as alegorias que remontam ao dualismo riqueza/pobreza, bem como a significação dos símbolos empregados nessa narrativa.

Para nosso *corpus* utilizaremos a versão original escrita por Joseph Jacobs e traduzida para o português por Borges [1]. Apesar de existirem outras versões do conto, as variações em *João e o pé de feijão* não são tão significativas como ocorre com outras histórias, tais como *Cinderela* ou *Chapeuzinho Vermelho*. Mesmo com poucas divergências, optamos pela versão de Jacobs pelo fato de os elementos sociais estarem mais visivelmente empregados, o que torna a escolha mais pertinente à pesquisa.

Fundamentados na Teoria da Literatura, na Literatura Infanto-Juvenil e na Sociologia, buscamos as interseções presentes no conto de como os adultos inseriram elementos sociais na obra e os efeitos esperados na criança, pois, de acordo com Coelho [2], conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os Ideais e Valores ou Desvalores sobre os quais cada Sociedade se fundamentou.

MATERIAL E MÉTODOS

Em nossa pesquisa, focamos na versão do conto *João e o pé de feijão* de Joseph Jacobs traduzida por Borges [1]. Em seguida analisamos o conto apoiados nos estudos da Teoria da Literatura, da Literatura Infantil e da Literatura e Sociologia, amplamente difundidos por Nelly Novaes Coelho [2], Regina Zilberman [3], Facina [4], Lima [5] e Prado [6]. Por meio da pesquisa bibliográfica, analisamos o discurso interno da obra relacionado aos conflitos sociais, a motivação da personagem principal de enfrentar o ogro (ou gigante) e a mensagem social inserida no conto.

DISCUSSÃO:

O conto *João e o pé de feijão*, assim como muitos outros contos de fadas, possuem versões bem antigas, que foram reescritas ao longo dos séculos. Uma versão relativamente recente, se comparada às demais, é a de Joseph Jacobs, publicada no final do século XIX. Essa foi a versão por nós escolhida para a presente pesquisa.

Logo no começo do conto o autor nos apresenta a dificuldade vivenciada por João e sua mãe; os dois não possuem dinheiro e a única forma de sustento da família perde sua função; a vaca leiteira deixa de produzir leite. A miséria já é apresentada nas primeiras linhas: “Era uma vez uma pobre viúva que tinha apenas um filho, chamado João, e uma vaca, chamada Branca Leitosa”. Podemos tomar a figura do menino João como referencial para muitos garotos pobres que se encontravam nas mesmas condições da personagem, pois, segundo Facina [4], “assim como a arte não é algo destacado da prática social, as visões de mundo veiculadas por meio da criação literária não são elaborações de um indivíduo isolado”.

¹ Apoio financeiro: BIC/UNI



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:
Unimontes
Universidade Estadual de Montes Claros

APOIO:
FAPEMIG
FADENOR

24 a 27
setembro
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

A princípio essas histórias não tinham o público infantil por foco, mas ao ouvir as histórias as crianças passavam a se identificar com as personagens e a se espelhar nelas. Os mais novos, na chamada fase pré-consciente (até os seis anos), inclusive, as tomavam como relatos do mundo real, o que permitiu aos adultos incorporarem a moral da história como forma de educar pelo entretenimento. De acordo com Lima [5], "para cada uma das crianças, as histórias se tornam importantes na medida em que elas se identificam, seja na cultura, religião, no convívio na sociedade, classe social, etc., trazendo para cada uma delas o retrato da vida social." Em *João e o pé de feijão*, os elementos que permitiam essa identificação por parte das crianças, sobretudo nos séculos passados, era a situação de extrema miséria, vivenciada no início da história, e a orfandade. No entanto, o enredo apresenta um jovem corajoso que, mesmo com esses empecilhos, consegue superar o gigante e ficar rico ao final do conto.

É importante ressaltar que na história ocorre um clichê muito visto nos contos da época: a rivalidade entre pobres e ricos. Na maioria das vezes as personagens pobres são boas, enquanto aquelas que detêm a riqueza e o poder são retratadas como vilãs. O Ogro, além de rico, almoça criancinhas grelhadas ou come seus ossos com pão. Entretanto, mesmo a história apresentando às crianças que o ogro é seu inimigo, isso não justificaria a absolvição do roubo praticado pelo menino João, que primeiramente leva um saco de moedas, depois a galinha que bota ovos de ouro e por fim uma harpa dourada que toca músicas sozinha. Ocorre um tipo de redistribuição de bens *a la Robin Hood*. Conforme Zilberman [3], "o conto de fadas folclórico sempre se liga de alguma maneira com a camada inferior e extremamente explorada, de modo que se pode perceber a conexão com a situação social e a condição servil."

Ao final da história, João mata o Ogro e fica com seus pertences e, graças aos ovos de ouro diários botados pela galinha, "ficam ricos para sempre". Pelo elemento da fantasia, o garoto consegue mudar a realidade em que vivia, assim como muitos contos do gênero. Elucida-nos Prado que, "apesar do conformismo presente nos escapismos individuais através das condições, dos desejos e seres mágicos, somente por meio da fantasia as desigualdades poderiam ser superadas e outro patamar na escala social poderia ser alcançado". O texto de Joseph Jacobs retrata muito bem essa relação riqueza/pobreza e sua mediação pelo elemento maravilhoso, que dá forma e vida ao conto.

CONCLUSÃO:

Ao analisarmos os contos de fadas pelo olhar sociológico, percebemos que muitos deles apresentam um retrato das sociedades de séculos passados, suas dificuldades, misérias e sofrimento. Em *João e o pé de feijão*, o garoto serve ao mesmo tempo como estereótipo e inspiração às crianças, pois mesmo sendo órfão e pobre é capaz de vencer o Ogro e ficar rico. A rivalidade de classes está presente na obra pela divergência de riquezas das personagens, e ainda que seja uma história com cunho moralizante e com mensagem de esperança, João rouba os pertences do inimigo e isso é tratado com naturalidade dentro do enredo, ainda que justificável pela questão da subsistência.

A fantasia permite que a esperança e a coragem sejam as armas de João para conseguir uma vida melhor para ele e sua mãe. Ao término, os dois ficam ricos e não enfrentam mais as dificuldades que existiam quando a história se inicia, indo de um extremo a outro na escala social.

REFERÊNCIAS:

- [1] BORGES, M. L. X. A. *Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- [2] COELHO, N. N. A. *Literatura Infantil*: história, teoria, análise. 3.ed. refundida e ampl. São Paulo: Quíron, 1984.
- [3] LAJOLO, M. ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira*: história e histórias. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- [4] FACINA, A. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



Unimontes
Universidade Estadual de Maracá

APOIO:



FAPEMIG



FADENOR

24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

[5] LIMA, F.S. **A contribuição da Literatura Infantil na formação de valores éticos nas crianças**. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação – Campus I. Salvador, 2010.

[6] PRADO, P. D. Os Três Porquinhos e as temporalidades da infância. *Rev Cedex*, Campinas, Vol.32, n.86, p. 81-96, jan./abr. 2012.